

Resenha do Livro:

DÁVILA, Jerry. *Hotel Trópico: o Brasil e o desafio da descolonização africana (1950-1980)*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2011, 334 p. ISBN 978.85.7753-179-0

Resumo:

O presente texto faz uma análise da obra “*Hotel Trópico: o Brasil e o desafio da descolonização africana (1950-1980)*”, de Jerry Dávila, a qual versa sobre a África na política externa brasileira.

Palavras-chave: Relações Brasil-África, Política Externa Brasileira, África.

Abstract:

This paper analyzes the work “*Hotel Trópico: o Brasil e o desafio da descolonização africana (1950-1980)*”, de Jerry Dávila, which deals with Africa in Brazilian foreign policy

Keywords: Brazil-Africa relations, Brazilian Foreign Policy, Africa.

Neste ano de 2015 a independência de Angola completa 40 anos. Em plena Guerra Fria, o Brasil foi o primeiro país a reconhecer o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), grupo de inspiração marxista, como governo legítimo daquele país. Esse episódio é considerado um marco da dimensão africana – em especial no que tange à temática da descolonização – na diplomacia brasileira, seja pela ousadia, seja pelos bons resultados obtidos através dessa ação.

Esse é mais um episódio das relações entre o Brasil e os Estados africanos, que, ao longo da história, oscilaram entre momentos de aproximação, como na administração Luiz Inácio “Lula” da Silva (2003-2010), e de profundo distanciamento – para não dizer descaso – como no governo de Fernando Collor (1990-1992).

¹ Possui graduação em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) e doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2012). Atualmente é professor assistente da Universidade Federal da Grande Dourados. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em Integração Internacional, Conflito, Guerra e Paz, atuando principalmente nos seguintes temas: política externa brasileira, relações internacionais, argentina, brasil e integração regional.

A despeito da sua importância e dos laços políticos, econômicos, culturais e afetivos existentes, a África continua a ser um tema explorado por poucos – porém muito competentes – pesquisadores brasileiros.

Em 2011, a Editora Paz e Terra traduziu e publicou “Hotel Trópico: o Brasil e o desafio da descolonização africana, 1950-1980”, de Jerry Dávila, professor do Departamento de História da Universidade de Illinois nos Estados Unidos. Essa obra, de grande “fôlego” acadêmico, é o resultado de um trabalho feito a partir de uma análise pormenorizada das fontes primárias (documentos oficiais, meios de comunicação da época, livros de memórias das autoridades do período, entre outros), entrevistas, e da bibliografia existente.

O principal mérito desse trabalho é apresentar, em uma linguagem simples, clara e direta, as nuances de um tema muito delicado da história da política externa brasileira: o Brasil e o processo de descolonização da África. O autor consegue, com enorme sucesso, identificar os atores, as ideias e as instituições que influenciaram as decisões e a política brasileira para o continente, como a força do pensamento “lusu tropical” de Gilberto Freyre na percepção das elites políticas de Brasília e o poderoso *lobby* da comunidade portuguesa no país.

O texto, além da introdução e do epílogo, divide-se em nove capítulos. O primeiro apresenta as características e a força das ideias de Gilberto Freyre na construção do imaginário das autoridades brasileiras e portuguesas, em especial a força da miscigenação na formação da “democracia racial”. Esse pensamento, aliás, serviu como legitimação do processo de dominação colonial português.

O segundo capítulo retrata a África durante a Política Externa Independente, quando se iniciou a presença sistematizada do Brasil no continente africano. Para demonstrar as dificuldades e o desconhecimento das autoridades brasileiras sobre a “outra margem do Atlântico”, o autor descreve em minúcia a malfadada missão Dantas em Acra, Gana. Segundo Dávila (2011, p. 60), o fracasso de Raymundo Souza Dantas, único embaixador negro da época, se deveu ao desprezo que lhe votavam outros membros do Itamaraty e ao despreparo dos órgãos estatais.

[...] Se o Itamaraty e a Marinha mercante, atuando sob ordem presidencial, eram incapazes de entregar um saco de café na embaixada em Acra, não é de se surpreender que nenhuma outra coisa circulasse entre os dois países (DÁVILA, 2011, p. 67).

O terceiro capítulo discorre sobre as dificuldades da instalação da representação diplomática na Nigéria. Novamente, os diplomatas tiveram de se equilibrar entre o belo discurso da “democracia racial” e a realidade das desigualdades sociais existentes entre a elite branca e os afrodescendentes no Brasil. Aliás, as autoridades brasileiras precisaram criar um clima de intimidade a partir do esporte, seja pelo envio de times brasileiros para jogos amistosos no país, seja pela nomeação de Adhemar Ferreira da Silva, medalhista olímpico no salto triplo, como embaixador em Lagos.

O quarto capítulo apresenta a delicada posição brasileira no processo de Angola. Por um lado, o Brasil reafirmava, nos fóruns multilaterais, o seu firme compromisso com a descolonização e a autodeterminação dos povos; por outro lado, se negava a condenar o

colonialismo português, o que ocasionou um imenso “mal-estar” entre os representantes brasileiros e o corpo diplomático dos países asiáticos e africanos. Segundo o autor isso se deveu a três grandes fatores:

[...] Essa história tem três ingredientes: a maneira de interpretar o Brasil e sua mistura racial como um legado de Gilberto Freyre; a influência da comunidade étnica e imigrante portuguesa; e a eficiência imbatível do corpo diplomático português [...] (DÁVILA, 2011, p. 116).

O quinto capítulo trata das relações entre Brasil e Senegal, com ênfase no papel do então Chefe de Estado senegalês Léopold Senghor que, após a instauração do regime militar, buscou convencer o Brasil a ser um interlocutor entre as autoridades coloniais portuguesas e as lideranças dos movimentos para a independência em suas colônias. Para tanto, Senghor esforçou-se em desconstruir a retórica do lusotropicalismo e da “democracia racial”, o que muito importunou as lideranças brasileiras.

O sexto, o sétimo e o oitavo capítulos demonstram a construção da dimensão africana na política externa brasileira, desde a sua origem até o reconhecimento brasileiro da independência das colônias portuguesas, em especial de Angola. O autor valoriza o papel de um grupo seleto de diplomatas, como Gibson Barboza, Azeredo da Silveira e Ítalo Zappa, entre outros, responsáveis pela guinada da diplomacia brasileira e pela superação das desconfianças dos líderes africanos.

O nono capítulo examina os benefícios políticos e econômicos gerados por essa aproximação entre o Brasil e os Estados da África. Os fabricantes brasileiros – em especial de produtos manufaturados de alto valor agregado – encontraram grandes mercados consumidores nos países africanos, ávidos por produtos com “tecnologia tropical” que pudessem ser adaptados à realidade local. A divulgação das mercadorias brasileiras contou com o apoio de várias personalidades, dentre as quais destacamos a figura de Pelé, e outro aspecto importante dessa relação foi que os países africanos pagavam as suas importações com petróleo e outros recursos naturais escassos no Brasil.

Por todas as qualidades supracitadas, a leitura de “Hotel Trópico” é altamente recomendada para o público em geral, e em especial para os que desejam ver essa inserção brasileira de uma maneira diferente, livre de preconceitos e estereótipos.

Referências Bibliográficas

DÁVILA, Jerry. *Hotel Trópico: o Brasil e o desafio da descolonização africana (1950-1980)*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2014, 334 p. ISBN 978.85.7753-179-0